

MARTIN SUTER

CINZAS DO PASSADO

Tradução de Carlos Leite

1

Quando regressou, ardia tudo, menos a lenha na lareira.

Konrad Lang vivia no litoral de Corfu, a uns quarenta quilómetros a norte de Kérkira, na Casa Koch, um conjunto de construções interligadas que desciam, numa cascata de quartos, jardins, terraços e piscinas, até uma enseada arenosa. A sua pequena praia era acessível apenas por mar ou então por meio de uma espécie de funicular que percorria todos os patamares do complexo.

Na verdade, Konrad Lang não vivia na Casa Koch, mas na casinha do zelador, um anexo de pedra, frio e húmido, à sombra dos pinheiros que formavam um pequeno bosque de ambos os lados dos portões. Konrad Lang não era um convidado, antes uma espécie de intendente. A troco de alojamento, alimentação e uma quantia em dinheiro, encarregava-se de que a casa estivesse sempre pronta para receber as pessoas da família ou os convidados. Pagava os salários dos empregados e as faturas dos encarregados da manutenção, constantemente a braços com os efeitos do sal e da humidade, que não poupavam nenhuma construção.

Um caseiro tinha a seu cargo a parte agrícola: azeitonas, amêndoas, figos, laranjas e um rebanhozito de ovelhas.

Durante os meses de inverno, que eram chuvosos e frios, Konrad não tinha praticamente nada que fazer, exceto descer uma vez

por dia a Kassiópi de carro e encontrar-se com alguns companheiros de infortúnio que também passavam o inverno na ilha: um inglês de idade, antiquário, uma alemã, dona de uma *boutique* já bastante fora de moda, um pintor entrado em anos oriundo da Áustria, e um casal de suíços de um cantão ocidental que também guardava uma casa de férias. Passavam o tempo à conversa numa das poucas tabernas que não fechavam durante o inverno e a beber. Regra geral, de mais.

O resto do dia passava-o a proteger-se daquele frio húmido que lhe gelava os ossos. Como muitas casas de férias de Corfu, a Casa Koch não fora construída para o inverno. A casa do zelador nem sequer tinha lareira, dispondo apenas de dois aquecedores elétricos que, apesar de tudo, não podia ligar ao mesmo tempo. Senão, os fúsí-veis rebentavam.

Por esta razão, em dias particularmente frios, e às vezes também mesmo durante a noite, instalava-se na sala de estar da ala reservada aos convidados, no patamar inferior. Gostava dessa sala, porque junto à fachada de vidro se sentia como o comandante de um paquete de luxo na ponte de comando: em baixo, uma piscina azul-turquesa; em frente, nada, a não ser o mar calmo e sereno. A que se acrescentavam as amenidades de uma lareira com uma boa tiragem e um telefone. Originalmente, a casa do zelador fora a habitação reservada ao pessoal de serviço da ala dos convidados do patamar inferior, de modo que podia desviar o telefone para um destes quartos e atender as eventuais chamadas como se estivesse no seu posto. De acordo com as instruções de Elvira Senn, os espaços da Casa Koch estavam interditos a Konrad.

Decorria o mês de fevereiro. Uma tempestade de vento leste tinha sacudido as palmeiras durante toda a tarde e coberto o sol de farrapos de nuvens cinzentas. Konrad decidiu instalar-se, munido de alguns concertos para piano, no salão do patamar inferior. Pôs alguma lenha e uma lata de gasolina na cabina do funicular e desceu.

A gasolina era necessária para acender a lareira. Duas semanas antes, encomendara uma carga de lenha de amendoeira, uma lenha que arde lentamente e dá muito calor quando seca. Mas a que lhe tinham trazido estava húmida. Não podia, por conseguinte, acendê-la

de outra maneira. Não seria lá muito próprio, mas era eficaz. Konrad assim tinha feito dezenas de vezes.

Fez uma pilha com algumas achas, regou-as com gasolina e acendeu um fósforo. Depois subiu outra vez no funicular e foi à cozinha buscar duas garrafas de vinho, meia garrafa de *ouzo*¹, azeitonas, pão e queijo.

No regresso, cruzou-se com o caseiro, que queria mostrar-lhe um sítio onde o salitre tinha comido a argamassa.

Quando o funicular começou a descer, Konrad Lang sentiu um cheiro a fumo que vinha lá de baixo. Atribuiu-o ao vento, que soprava do mar e batia na chaminé numa direção pouco habitual, e não se preocupou mais com isso.

No entanto, quando o funicular se deteve na ala dos convidados, estava tudo a arder, menos a lenha na lareira. Fora uma dessas infelicidades que acontecem quando se pensa noutra coisa: empilhou as achas na lareira, mas pegou fogo ao monte de lenha que estava ao lado. Durante a sua ausência, as chamas propagaram-se aos conjuntos de cadeiras de rotim e passaram aos *ikats*² pendurados nas paredes.

O fogo talvez ainda pudesse ser extinto se, no preciso momento em que se preparava para descer do funicular, a lata de gasolina, que ficara aberta, não tivesse explodido. Konrad fez a única coisa sensata que havia a fazer: carregou no botão para subir.

Enquanto o funicular ascendia lentamente, a vala em baixo ia-se enchendo de um fumo acre. Entre o penúltimo e o último patamar, o funicular começou a abrandar, depois subiu aos soluços, até que acabou por se imobilizar.

Konrad Lang tapou a boca com a camisola e olhou para o fumo, que se tornava cada vez mais negro e mais denso. Tomado de pânico, fez força no puxador da porta da cabina, conseguiu abri-la, susteve a respiração e subiu de gatas os degraus ao lado dos carris. Ao fim de alguns metros chegou ao patamar superior e escapou-se para o ar livre, a tossir e a gemer.

Pouco antes do incêndio, a Casa Koch de Corfu fora completamente remodelada por uma arquiteta de interiores holandesa. Abarrotava

¹ A bebida grega tradicional: anis. (*N. do T.*)

² Panos tailandeses e a técnica especial de fixação das cores dos panos. (*N. do T.*)

de antiguidades, tecidos e artefactos folclóricos da Indonésia e de Marrocos. Tudo isso ardera como um fósforo.

O vento empurrou as chamas pela vala do funicular para as zonas habitacionais de todos os andares e daí para os quartos e espaços adjacentes.

Quando os bombeiros chegaram, o fogo devorara já toda a casa, e a tempestade empurrava-o para as palmeiras e buganvílias, ameaçando já o bosque de pinheiros. Os homens limitaram-se a impedir que se alastrasse aos pinheiros e às oliveiras. Tinha chovido pouco para a estação.

Konrad eclipsou-se com uma garrafa de *ouzo* e fechou-se na casa do zelador. Só quando o pinheiro-real em frente à janela explodiu num novelo de chamas é que saiu a cambalear e se pôs a olhar de longe para o fogo que destruíra a casinha branca com todos os seus haveres.

Dois dias depois, Schöller chegava a Corfu. Apóstolos Ioánnis, o administrador da filial grega da Koch Engineering, guiou-o pelo local do sinistro. Schöller remexia nas ruínas calcinadas com a biqueira do sapato. Não demorou a guardar o bloco de notas. A Casa Koch tinha ardido completamente.

Schöller era o secretário pessoal de Elvira Senn. Um homem magro, metucioso, com cinquenta e poucos anos. Não tinha uma função oficial na empresa, o seu nome não figurava no organigrama, mas era o braço-direito de Elvira e, como tal, temido mesmo na cúpula do grupo.

Até então, Konrad dissimulara o medo que sentia de Schöller tratando-o com a condescendência do mais bem-nascido. Embora as suas instruções lhe fossem transmitidas por este, tinha conseguido recebê-las como se fossem a mera confirmação dos resultados das suas reuniões confidenciais com Elvira. E Schöller, conquanto soubesse perfeitamente que toda a comunicação entre Elvira Senn e Konrad Lang passava por si, tinha contra aquele velho de nariz torcido o facto de a grande dama da alta finança suíça estar sempre a puxar os cordelinhos, a arranjar-lhe um lugarzinho (como homem de companhia, intendente ou capacho) num qualquer ramo do seu vasto

império e do seu círculo de relações internacionais. Apenas porque ele passara uma parte da juventude com o seu enteado Thomas Koch, Elvira Senn, embora à distância, sentia que era seu dever mantê-lo com a cabeça à tona da água.

Para Schöller, Lang era um dos seus mais fastidiosos encargos. Esperava que o incêndio lhe permitisse riscá-lo de uma vez por todas da sua lista.

Konrad Lang ficou imóvel, de olhar fixo na reverberação das chamas, no meio do tumulto das equipas de bombeiros. Apenas se mexia quando bebia um gole da garrafa ou se curvava à passagem ensurdecadora, em voo rasante, do *Canadair*, que vinha despejar mais uma carga de água sobre os pinheiros. A um dado momento, chegou o caseiro acompanhado de dois homens que queriam interrogá-lo sobre o acontecido. Quando repararam que Konrad não estava em condições de responder, levaram-no para Kassiópi, onde passou a noite numa cela da Polícia.

Na manhã seguinte, no interrogatório, não soube explicar como tinha começado o fogo. E não estava a mentir.

As recordações relativas à causa do incêndio só voltaram a emergir ao longo do dia, em pequenos fragmentos. Mas por essa altura tinha já rejeitado com indignação qualquer culpa e atinha-se desesperadamente às suas declarações. Esta atitude talvez tivesse bastado para o salvar, se o caseiro não tivesse declarado que nessa tarde o vira dirigir-se para a ala dos convidados, com uma lata de gasolina.

Assim sendo, enquanto decorriam as investigações, Lang foi conduzido para a esquadra de Kérkira, acusado de fogo posto. Ainda lá se encontrava quando Schöller, no seu quarto no Hilton International de Corfu, tomava um banho para se livrar da fuligem, mudava de roupa e bebia um *gin* tónico do minibar.

Uma hora mais tarde, quando o foram buscar à cela e o levaram para uma sala sem móveis, onde o secretário de Elvira o esperava, juntamente com um oficial, Konrad Lang tinha passado mais de cinquenta horas preso e perdera toda a arrogância. Ele, que fazia questão de se apresentar impecavelmente vestido e bem barbeado

em todas as circunstâncias, vestia agora umas calças de bombazina sujas de fuligem, tinha os sapatos enlameados, a camisa suja, a gravata amarrotada, assim como o *pullover* de cachemira, outrora amarelo, de que se servira para poder respirar. O bigode, aparado curto, quase não se distinguia no rosto por barbear, os cabelos grisalhos caíam-lhe sobre a cara e as olheiras estavam mais escuras e profundas do que habitualmente. Estava agitado e tremia, não apenas de nervosismo mas sobretudo devido à privação súbita de álcool. Lang tinha sessenta e três anos, mas naquela tarde parecia ter mais de setenta e cinco. Schöller ignorou a mão que lhe estendia.

Konrad sentou-se e esperou que Schöller falasse, mas este nada disse, limitando-se a abanar a cabeça. E quando Lang, perdido, encolheu os ombros de impotência, Schöller continuou a abanar a cabeça. Konrad Lang acabou por perguntar:

– Então?

Schöller continuava a abanar a cabeça.

– A lenha é de amendoeira. Quando está húmida, não arde. Foi um acidente.

Schöller cruzou os braços e esperou.

– Não faz ideia de como isto é frio no inverno.

Schöller olhou pela janela. Lá fora, um belo dia de sol chegava ao fim.

– Não é normal para esta época do ano.

Schöller aquiesceu com um aceno de cabeça.

Lang voltou-se para o oficial, que falava um pouco de inglês.

– Diga-lhe que um dia como hoje é muito raro nesta época do ano.

O oficial não lhe ligou. Schöller lançou uma olhadela ao relógio.

– Diga-lhes que não sou um incendiário. Caso contrário, não me vão deixar sair daqui.

Schöller levantou-se.

– Diga-lhes que sou um velho amigo da família.

Schöller mirou Konrad Lang da cabeça aos pés e voltou a abanar a cabeça.

– Explicou a Elvira que foi um acidente?

Schöller dirigiu-se para a porta.

- Amanhã apresentarei o meu relatório a Frau Senn.
- Que lhe vai dizer?
- Vou recomendar-lhe que apresente queixa.

No momento em que Schöller saía da sala, Lang balbuciou outra vez:

- Foi um acidente.

No dia seguinte, Schöller tomou o único avião que fazia a ligação entre o Aeroporto Ioánnis Capodístria e Atenas durante o inverno. Da capital, partiam inúmeros voos para a Suíça e, ao fim da tarde, estava no escritório de Elvira Senn, no Stöckli. Assim chamavam os Koch ao *bungalow* de vidro, ferro e betão que Elvira encomendara a um proeminente arquiteto espanhol no parque da Casa dos Rododendros, para nela passar a velhice. O parque ocupava cerca de dezanove mil metros quadrados de um terreno ligeiramente inclinado, com carreiros que se perdiam no meio de uma grande diversidade de rododendros, azáleas e árvores mais antigas. O escritório, como todas as restantes salas, estava voltado a sudoeste e tinha uma vista magnífica sobre o lago e as colinas na outra margem; em dias claros, podiam mesmo ver-se os Alpes.

Aos dezanove anos, Elvira Senn fora trabalhar como ama de crianças para a casa de Wilhelm Koch, viúvo e fundador das Koch-Werke, cuja mulher morrera logo a seguir ao nascimento do seu único filho. Elvira casara-se com ele pouco depois e, passados dois anos da morte precoce deste, casara-se pela segunda vez, desta feita com o diretor-geral das Koch-Werke, Edgar Senn. Este era um homem capaz e, durante a guerra, fizera prosperar a fábrica, uma metalomecânica pouco inovadora mas sólida. Produzia peças que não se encontravam disponíveis no mercado de automóveis, motores e máquinas alemãs, inglesas, francesas e americanas. Depois da guerra, capitalizou esta experiência e passou a fabricar muitos desses mesmos produtos sob licença. Os ganhos dos anos do milagre económico investiu-os massivamente no imobiliário e vendeu na altura certa, o que lhe permitiu diversificar grandemente a atividade. Graças a ele, as Koch-Werke sobreviveram à recessão. Com alguns arranhões, mas em bom estado.

À boca pequena, disse-se sempre que por detrás da mão hábil de Senn estava a mão ainda mais hábil de Elvira a guiá-la. Quando Edgar Senn morreu de enfarte aos sessenta anos, em 1965, e a empresa continuou a prosperar sem um percalço, muita gente viu confirmadas as suas suspeitas. As Koch-Werke constituíam agora um grupo industrial diversificado e bem equilibrado, com atividades em diferentes setores: metalomecânica, têxteis, eletrónica, química, energia. E mesmo nas tecnologias verdes.

Dez anos antes, quando anunciou que era tempo de dar lugar aos novos, Elvira recolhera-se ao Stöckli. Mas as rédeas – que, segundo comunicação à imprensa, passara ao enteado Thomas, entretanto com cinquenta e três anos – continuava a segurá-las com mão firme. Deixara, evidentemente, de ter assento no conselho de administração, mas as conclusões das reuniões que se realizavam regularmente no Stöckli tinham mais alcance e eram mais vinculativas do que as tomadas naquela instância. E tencionava não largar as rédeas enquanto Urs, o filho de Thomas, não estivesse pronto para assumir as suas funções. Pensava passar por cima de Thomas. Por razões que tinham a ver com o carácter deste.

Elvira recebeu a notícia do sinistro total de Corfu com a sua habitual compostura. Tinha ido a Corfu uma única vez na vida, havia mais de vinte anos.

– Que dirão se o mandar para a cadeia?

– Não é a senhora que o manda para a cadeia. Disso, encarregam-se os tribunais. Existe o crime de fogo posto, mesmo na Grécia.

– O Konrad Lang não é um incendiário. Está velho, mais nada.

– Se a senhora quer que o sinistro seja classificado como incêndio não premeditado por negligência, temos de testemunhar a seu favor.

– E que farão com ele?

– Condená-lo-ão ao pagamento de uma multa. Se puder pagar, não vai para a cadeia.

– Não preciso de lhe perguntar o que faria no meu lugar.

– Não.

Elvira refletia. Não lhe era totalmente desagradável imaginar Konrad Lang atrás das grades, a uns mil e quinhentos quilómetros lá para o Sul.

– Como são as cadeias gregas?

– O Ioánnis diz que, com meia dúzia de dracmas, a coisa é bastante suportável.

Elvira sorriu. Era uma mulher velha, embora não se lhe percebesse a idade. Durante toda a vida despendera tempo, energia e dinheiro para não envelhecer. Mal fizera quarenta anos, começara a submeter-se a pequenas correções cosméticas, principalmente no rosto. Durante um certo tempo, isso dera-lhe o ar, um pouco prematuro, de uma senhora bem conservada, mas agora, aos setenta e oito anos, podia passar, nos dias bons, por ter menos de sessenta. Isso não se devia apenas ao dinheiro e à cirurgia, a natureza fora também generosa com ela. Tinha um rosto redondo de boneca e, por isso, ao contrário de outras mulheres, nunca tivera de escolher entre a cara ou as ancas. Podia permitir-se manter-se magra. Gozava de boa saúde, excetuando a diabetes («Diabetes da idade», assim se lhe referira, com alguma grosseria, o seu médico de família), que tratava havia anos com uma injeção de insulina duas vezes por dia, recorrendo a uma seringa que parecia uma caneta de tinta permanente. Cumpria com disciplina o seu regime, nadava todos os dias, submetia-se a massagens e a drenagens linfáticas, passava duas vezes por ano três semanas numa clínica de Ischia e fazia por não se irritar, o que nem sempre conseguia.

Schölller voltou à carga:

– Ninguém a pode criticar, depois de tudo o que fez por ele. Depois do que se passou, não pode arranjar-lhe mais nenhum emprego. Ou ainda pensa ser possível continuar a responsabilizar-se por ele?

– Vão dizer que o mandei para a cadeia.

– Nada disso. Vão pensar bem da senhora por não lhe mover um processo por perdas e danos. Ninguém espera que tire da cadeia uma pessoa que pegou fogo a uma das suas casas de férias, que valia cinco milhões de francos.

– Cinco milhões?

– O valor declarado aos seguros é de cerca de quatro.

– Quanto nos custou?

– Não chega a dois. Mais o meio milhão que Herr Koch investiu no ano passado.

– Com a arquiteta holandesa?

Schöller assentiu.

– Não encontraremos outra ocasião tão favorável para nos livrarmos dele – disse.

– Que devo fazer?

– Eis o aspeto positivo: absolutamente nada.

– Então é isso mesmo que vou fazer.

Elvira pôs os óculos e inclinou-se sobre um papel que repousava à sua frente, na secretária. Schöller levantou-se.

– E quanto ao Thomas – disse Elvira, sem erguer os olhos –, ele não deverá ser informado disto.

– De mim, Herr Koch não saberá nada.

Schöller ainda não tinha chegado à porta, quando bateram e Thomas Koch entrou.

– O Koni pegou fogo a tudo em Corfu – disse, sem reparar no olhar que Elvira e Schöller trocaram. – A Trix van Dijk telefonou agora mesmo. Diz que a casa parece ter sido bombardeada. – Depois prosseguiu, com um sorriso malévolos: – Ela estava lá com uma equipa da revista *The World of Interiors*. Queriam fazer um artigo com chamada para a capa, mas não havia interiores. Diz que quer matar o Koni, e, pela forma como falava, acredito que seja capaz de o fazer.

Thomas Koch era calvo, à parte a coroa de cabelo preto, que adquiriu um reflexo não natural quando o sol, rompendo por entre as nuvens, iluminou brevemente o escritório. O rosto era demasiado pequeno para a imensidão de pele lustrosa que o encimava, mesmo quando se abria num largo sorriso, como acontecia naquele preciso momento.

– Schöller, creio que você devia ir a Corfu ver aquilo. Encarregue-se de todas as formalidades e, por amor de Deus, mantenha essa Van Dijk longe de mim – disse, dirigindo-se para a porta. – Ah, e tire o Koni da cadeia. Faça-lhes ver que não é um incendiário, apenas um bêbado.

Ao fechar a porta atrás de si, ainda puderam ouvir o seu risinho.

– *The World of Interiors!*

Três semanas mais tarde, Konrad Lang e Schöller voltaram a encontrar-se. A sede na Suíça tinha incumbido Apóstolos Ioánnis de chegar a acordo sobre uma caução para Konrad Lang, fornecer a este documentos de identificação temporários, a roupa mínima indispensável, algum dinheiro para a viagem e os bilhetes de segunda classe no barco e no comboio.

Konrad Lang passou oito horas no *ferry* para Brindisi, com o mar bastante agitado, e mais três à espera do comboio na estação. Quando, no dia seguinte, às 17h15 precisamente, chegou ao endereço que Ioánnis lhe dera como ponto de encontro, era já noite.

O n.º 34 da Tannenstrasse³ era um prédio de apartamentos numa rua de grande circulação, mas sem um abeto que se visse. Situava-se num bairro operário da cidade. Konrad Lang ficou um momento indeciso junto à porta. No bilhete que lhe tinham dado com a direção não estava indicado o andar. Estudou as placas com os nomes escritos a negro dentro de um caixilho de alumínio. Ao lado da campainha do terceiro andar estava gravado o nome «Konrad Lang». Premiu o botão. Quase imediatamente ouviu-se o ruído da porta a abrir-se. Três andares mais acima, Schöller esperava-o à entrada de um apartamento.

– Bem-vindo a casa – disse, com um esgar escarninho.

A viagem de Lang durara trinta e três horas. Estava com um aspeto quase tão miserável como no último encontro dos dois na sede da Polícia de Kérkira.

Schöller mostrou-lhe o quarto e a sala do pequeno apartamento. Os móveis eram baratos, da gama mais baixa; na cozinha, os armários e as gavetas continham a louça e os talheres estritamente necessários, umas panelas e caçarolas, e alguns géneros alimentícios. No armário do quarto havia lençóis, cobertores e toalhas e, na sala de estar, uma televisão. Era tudo novo, incluindo a alcatifa e a pintura das paredes. Parece um apartamento de férias novo, pensou Konrad, excetuando o barulho dos elétricos e as buzinas dos carros. Sentou-se na cadeira de encosto em frente à televisão.

³ Rua dos Abetos. (*N. do T.*)

– O acordo é o seguinte – disse Schöller, sentando-se no pequeno sofá ao lado e colocando uma folha de papel na mesinha baixa à sua frente. – Frau Senn paga o apartamento. Caso queira acrescentar mais móveis, faça uma lista com o que pretende. Estou autorizado a satisfazer o seu pedido, até um certo limite razoável. Seguros, assistência médica, dentista, está tudo incluído. Idem quanto ao vestuário. Uma colaboradora minha apresentar-se-á amanhã e irá consigo fazer as compras de que necessite. O seu conselho será sobretudo de ordem financeira. Ela não dispõe de grande margem de manobra.

Schöller virou a folha de papel.

– Do outro lado da rua, um pouco em diagonal, fica o Café Delphin, uma pastelaria muito agradável, onde pode tomar o pequeno-almoço. Para as outras refeições previu-se o Blaues Kreuz, um restaurante respeitável, que não vende bebidas alcoólicas, a quatro paragens de elétrico. Conhece?

Konrad fez que não com a cabeça.

– Tem conta aberta em ambos os estabelecimentos. Frau Senn paga. No referente a outras despesas, dispõe de um montante de trezentos francos por semana, que pode levantar todas as segundas-feiras na agência do Kreditbank da Rosenplatz. O gerente tem instruções para não conceder adiantamentos. Frau Senn pediu-me para lhe dizer que não espera, nem quer, qualquer contrapartida por tudo isto. A não ser que não brinque com o fogo, se me permite esta minha achega muito pessoal.

Schöller virou a folha para Konrad, enquanto retirava uma esferográfica do bolso do peito do casaco.

– Leia tudo com muita atenção e assine as duas cópias.

Lang pegou na esferográfica e assinou. Estava demasiado cansado para ler. Schöller pegou na sua cópia, levantou-se e saiu. Junto à porta, parou e voltou para trás. Tinha mesmo de dizer aquilo:

– Se dependesse de mim, você tinha ficado em Corfu. Frau Senn é demasiado generosa.

Não teve resposta. Konrad Lang adormecera em frente à televisão.